

IDENTIDADE, FÉ E RESISTÊNCIA: UM OLHAR SOBRE A FESTA DE SANTO REIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE COQUEIROS EM MIRANGABA BAHIA

Adão Fernandes Lopes ¹
Fernando Conceição ²

RESUMO

O presente artigo é um recorte de pesquisa de doutorado no âmbito do Programa Poscultura (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Traz uma contextualização histórico/cultural através de pesquisas bibliográficas para compreender o sentido da festa de Santo Reis³ na comunidade remanescente de quilombo⁴, denominada Coqueiros em Mirangaba BA, no Piemonte da Diamantina, região norte da Bahia, sob a ótica de conceitos como etnicidade e performances culturais. Acrescenta-se contribuições conceituais que ajudarão no processo de compreensão do percurso histórico da Festa de Reis com Silva (2006)⁵, Moraes Filho (1946), Etnicidade na visão de Poutignat e Streiff-Fenart (1998), dentre outros. Tem como objetivo constatar como ocorreu/ocorre esta festa destacando a performance cultural, a fim de rever a ideia de que povos não europeus também são parte a ser considerados na História. Utiliza-se a pesquisa bibliográfica nesta fase exploratória por se tratar da reelaboração do projeto de pesquisa através de teses, dissertações, monografias, sites e blogs regionais/locais. Enfim, o resultado inicial da pesquisa visa contribuir para o enriquecimento do debate teórico e cultural acerca da festa de Santo Reis, bem como perceber características a partir da compreensão do corpo como repertório dos sujeitos naquela comunidade.

Palavras-Chave: Comunidade Quilombola. Etnicidade. Festa de Santo Reis.

INTRODUÇÃO

¹Doutorando do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade/Poscultura (UFBA). Integrante dos grupos de pesquisa Permanecer Milton Santos (UFBA) e Lingüagem, Estudos culturais e Formação do leitor LEFOR (Uneb). E-mail: afelopes@yahoo.com.br

²Professor orientador. Coordenador do grupo de pesquisa Permanecer Milton Santos. E-mail: fernconc@ufba.br

³16ª Festa de Santos Reis de Coqueiros, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/p7ajkk-vdbo>> Acesso em: 10 jun. 2022.

⁴ Cf Almeida (2002), no final da década de 1970 e início dos anos 1980, com a criação, em 1978, do Movimento Negro Unificado (MNU), o termo “quilombo” passa a ser utilizado com um significado e símbolo de resistência e luta. Nesse cenário, de modificações sociais, é que Abdias do Nascimento, nos anos 1980, propõe uma nova atribuição social ao termo quilombo, chamada Quilombismo, defendendo em sua tese que a população negra deveria buscar em suas próprias experiências e história, ou seja, na matriz da cultura africana, a mobilização política necessária para provocar as mudanças que queriam. Para o autor, o quilombismo é uma nova forma de defender o movimento quilombola, no que consiste o espaço físico (território) e cultural da comunidade negra, isto é, uma nova forma de resistência e luta; este termo definiria o novo papel político que o termo histórico “quilombo” deveria ter.

⁵ Na visão de Silva (2006), os jesuítas que aqui aportaram com o primeiro Governador Geral Tomé de Sousa, em 1549, utilizavam essas tradições sob forma de canto, dança e encenação, na catequese e no ensino a indígenas e colonos portugueses reinóis.



A ocupação do território quilombola de Coqueiros remonta do século XIX, resultante da ocupação portuguesa na Vila de Santo Antônio de Jacobina, atual cidade de Jacobina, no século XVIII. A descoberta do ouro provocou uma intensa mobilização populacional, inclusive de negros fugidos, oriundos principalmente da Comarca de Cachoeira, como sugerem documentos analisados por Miranda (2009). Vale salientar também, que o sistema sesmarial, onde as terras seriam apropriadas por donatários, é provável que as terras de Coqueiros estivessem ocupadas por negros fugidos e pessoas da confiança dos donatários que negociavam com os negros a presença deles na área sob o comando dos donatários. De modo geral, a presença da colonização portuguesa no sertão baiano ligada ao deslocamento de um contingente de negros, contribuiu para a configuração atual das comunidades remanescentes de quilombos, presentes no Território de Identidade do Piemonte da Diamantina, onde está localizada Coqueiros de Mirangaba (MIRANDA, 2009).

Não obstante, a década de 90 do século passado, representou uma nova realidade social e política para as comunidades negras rurais, pois com a pressão exercida pelos vários setores da sociedade civil organizada, intelectuais de diversos seguimentos e movimentos sociais, especialmente, o Movimento Negro Unificado, que atuando enquanto porta-voz dessas demandas sociais, permitiram a essas comunidades um ganho em visibilidade. Mas, a partir da Constituição Federal de 1988 e a criação da Fundação Cultural Palmares, tem-se um novo marco na história dos povos remanescentes de comunidades quilombolas passando-as terem amparo e legitimidade legal. Com isto, somente no ano de 2006, a comunidade quilombola de Coqueiros, torna-se reconhecida pela Fundação Palmares, sinalizando para eles novas perspectivas e o recomeço de uma nova história. É o ano do seu reconhecimento como comunidade quilombola e através desse ato, a população percebeu que a partir da valorização de sua tradição cultural poderia ganhar maior visibilidade histórica e contribuir para a revitalização e autoestima da identidade cultural dos coqueirenses (SILVA, 2017, p. 96).

Conforme Silva (2018), durante a cerimônia de entrega da Certidão de auto reconhecimento em Brasília, foram firmados convênios com instituições no âmbito estadual, federais e Ongs, com objetivo de viabilizar recursos e projetos para sanar os problemas enfrentados até então pela comunidade de Coqueiros. Após o reconhecimento, os moradores passaram cada vez mais a se identificar como quilombolas. Coqueiro é, sobretudo, um dos mais belos redutos culturais e ambientais do território de identidade Piemonte da Diamantina. O reconhecimento teve a importante contribuição do Pe. Joel e de comunidades já reconhecidas, como Tijuaçu, do município de Senhor do Bonfim. Famosa pelos sambas, carurus e apresentações de raízes afrodescendentes, Coqueiro encanta pela sede do saber, como afirma

um morador⁶ da comunidade: *“tudo começou com a realização de mutirões para construção de casas. Ao final de cada obra, os moradores da comunidade sambavam em agradecimento. Daí, surgiram as rimas, que, até hoje, são cantadas, passando de geração para geração”*⁷.

Pela sua contribuição cultural e histórica, a Festa de Santo Reis de Coqueiros tornou-se objeto dessa pesquisa. Trata-se de uma pequena comunidade de aproximadamente 30 famílias, todos se envolvem desde cedo com as tradições locais, auxiliando como podem: artesanato, musicalidade são alguns exemplos, que reforçam o sentimento de união e por meio da divisão de atividades. Tais observações são ainda, mais visíveis nos festejos de Reis, a partir da ornamentação do evento que reforça a tradição utilizando produtos e artefatos locais como cachos de banana enfeitando as mesas e o palco, enquanto cestas de palha servem de recipiente para beijos, grãos, pães e outras “especiarias” da comunidade. Do lavrador à cozinheira, do cidadão comum aos representantes do povo, Coqueiro clama pela preservação da cultura quilombola. A devoção é confirmada pela frase de outro morador *“O segredo do nosso sucesso é Jesus”*⁸, estampada na blusa dos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do evento. A vestimenta ainda traz a seguinte afirmativa: *“Realização de todos no esforço de cada um”*⁹, sob mãos em preto e branco a convivência entre eles ocorre de modo cordial.

A Festa de Reis, possui peculiaridades dos cânticos e ritmos e se destaca dentre outras comunidades no calendário regional. Socialização seria a palavra que resume tais eventos. Rememorar a Festa de Santo Reis é também uma oportunidade de visibilizar as potencialidades do local tão importante quanto à sua origem, memórias e resistências. Neste contexto, falar de cultura popular e reisados possibilita trazer aos espaços acadêmicos discussões que visibilizam e valorizam, sobretudo, por se trata de culturas produzidas por grupos sociais e étnico-raciais, cuja participação social e política é ainda pouco estudada e conhecida no campo educacional e em nossa sociedade como todo, em decorrência de um processo histórico de dominação e silenciamentos.

Nesse caso das culturas de matrizes africanas, em diferentes partes do mundo e, em nosso caso específico, no Brasil, essa produção cultural dos descendentes de africanos escravizados no Brasil tem sido entendida de diferentes formas: *cultura negra, cultura afro-brasileira, africanidades*, entre outras. Mas, optamos aqui, por fazer um recorte no tocante à

⁶ A partir daqui os depoimentos que aparecerão ao longo do texto estarão em itálico para dar destaque e visibilidade às vozes dos moradores da comunidade quilombola de Coqueiros.

⁷ Festa de Santo Reis de Coqueiros - Mirangaba Bahia. Disponível em: <<http://metamorfoseambulante.weebly.com/-proseando/6-de-janeiro-viva-aos-santos-reis.6-de-janeiro-Viva-aos-Santos-Reis!>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁸ Idem.

⁹ Ibidem.

cultura afro brasileira. Esta que, encontra-se arraigada de naturalizações e visões estereotipadas sem falar dos comportamentos ainda, permeados por preconceitos e distorções. Por isso, faz-se necessário conhecer mais a fundo o que as culturas de matriz africana significam, como elas estão presentes em nosso cotidiano quer sejam negros, brancos ou de outros grupos étnico-raciais. Essas lacunas em nossa formação pessoal, profissional e política exigem mudanças de posturas e práticas. Por isso, faz-se necessário recontar a história, dar visibilidade aos sujeitos e suas práticas, e enfatizar a atuação protagonista da população negra no Brasil e no mundo, seus elos com o continente africano e as diferentes culturas.

Neste estudo, demarca-se a comunidade remanescente de quilombo na localidade rural de Mirangaba, cidade do Piemonte da Diamantina na Bahia. Tem-se o recorte inicial da pesquisa apresentando um pouco da tradição da festa de Santo Reis de Coqueiros, sob o olhar do que já se escreveu sobre ela, bem como adicionando de outros elementos teóricos-conceituais que não havia pensado quando da elaboração do projeto de pesquisa submetido aos Programas Multidisciplinares de Pós-Graduações: Cultura e Sociedade (Pós-cultura) e Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro), processos seletivos de Doutorado/UFBA/2021. Ademais, entende-se neste estudo, como comunidades remanescentes de quilombo, lugares de refúgio para escravizados amocambados que fugiam do litoral bem como das perseguições colonizadoras. Esses espaços quilombolas constituíram grupos focalizados como minoritários que segundo Rocha e Miranda (2014), negros e não negros empobrecidos, que por uma necessidade de sobrevivência e aceitação social foram invisibilizados ao longo da história oficial.

Nesta fase exploratória, utiliza-se a pesquisa bibliográfica por se tratar da reelaboração do projeto de pesquisa (tese). Pretende-se apresentar contribuições de autores/as que já pesquisaram temáticas diversas na/sobre a comunidade de Coqueiros, mas que pouco abordam sobre a festa de Santo Reis. Neste estudo tem-se contribuições conceituais que ajudarão no processo de compreensão do percurso histórico da Festa de Reis com Silva (2006)¹⁰, Moraes Filho (1946), Etnicidade na visão de Poutignat e Streiff-Fenart (1998), dentre outros. São objetivos da tese, constatar como ocorreu/ocorre esta festa, destacando pontos de convergências em suas performances de apresentações, desconstruindo a ideia de que povos não europeus também são parte, a serem considerados na História.

¹⁰ Na visão de Silva (2006), os jesuítas que aqui aportaram com o primeiro Governador Geral Tomé de Sousa, em 1549, utilizavam essas tradições sob forma de canto, dança e encenação, na catequese e no ensino a indígenas e colonos portugueses reinóis.

Como resultados, espera-se contribuir para o enriquecimento dos debates teóricos e culturais acerca do reisado, suas características e trajetórias, a partir da compreensão do corpo como repertório de sujeitos, grupo ou sociedades tradicionais, haja vista tensionar o debate sobre a colonialidade, discurso este, que ainda permeia nas práticas, nos saberes-fazer, nas memórias e histórias não-oficiais.

REFERENCIAL TEÓRICO



Disponível em: < <http://metamorfoseambulante.weebly.com/-proseando/6-de-janeiro-viva-aos-santos-reis>>.
Acesso em: 10 jun. 2022.

Folia de Reis, Companhia de Reis, Reisado ou Festa de Santos Reis (em Portugal diz-se reisada ou reiseiros), é uma manifestação católica, cultural e festiva, classificada, sobretudo no Brasil, como manifestação folclórica comemorativa da festa religiosa da epifania do Senhor ou teofonia¹¹, que se caracteriza por celebrar a adoração dos magos ao nascimento de Jesus Cristo. Segundo Câmara Cascudo (1984), o cortejo de pedintes geralmente acontece cantando versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo. No Brasil, sem especificação maior, refere-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. O reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequeninos atos encadeados ou não.

Nestes festejos, existem elementos musicais com a presença de vários instrumentos em que os participantes do reisado visitam as casas de porta em porta com sua cantoria, lembrando a viagem dos Reis Magos para levar ao Menino Jesus, seus presentes de ouro, incenso e mirra. Esta manifestação revela a combinação de duas figuras da teologia: a epifania (como sendo a aparição ou manifestação divina, no caso a primeira manifestação de Jesus entre os gentios) e a hierofania (manifestação do sagrado em objetos, formas naturais ou pessoas); reúne, assim, elementos sagrados e profanos.

Para Santos (2017, p. 234), as aldeias eram vistas como um espaço de provas espirituais, por outro, se apresentava como espaço de experiência tanto catequética, quanto pedagógica

¹¹ A Epifania do Senhor é a festa que comemora a manifestação de Jesus Cristo como Messias, o Filho de Deus e Salvador do mundo.

através dos sermões, cânticos e autos teatrais. E, de acordo com as primeiras constituições do arcebispado da Bahia deveria ser incluso no calendário católico “A Festa de Santo Reis nas aldeias do sertão baiano, cabendo aos padres ensinar e comunicar aos índios sobre as referidas celebrações segundo a custódia de Nantes”.

Segundo Cruz (2019), quanto à formação, o reisado em Coqueiros, é formado por um grupo de senhores e senhoras idosos e de meia idade, que acompanhados por jovens e crianças visitam as casas cantando e sambando, com intuito de angariar fundos, tanto dinheiro quanto alimentos para a festa de Santos Reis, que como já se falou anteriormente, ocorre no dia 6 de janeiro. Dessa forma, durante o período que antecede a festa de Santos Reis, percorrem ruas da comunidade, sempre à noite, e também vão para outras comunidades vizinhas em busca de contribuições para a realização da festa. Dentre as atividades culturais praticadas temos: a Roda no terreiro, o samba de roda e o Reisado¹² que é encenado junto com os quilombolas de Palmeira e Coqueirinho.

Nascimento (2009), na sua dissertação de mestrado intitulada *E viva o Santo Reis: um estudo sobre manifestações culturais em Piatã/Abaíra, Chapada Diamantina, Bahia*, demonstra o reisado enquanto manifestação cultural da roça. Reporta-se para o universo das práticas e representações do universo rural que se expressam nos ternos. Busca entendê-los a partir de uma perspectiva sócio-histórico-cultural, observando contribuições multiétnicas advindas do processo de colonização da Chapada Diamantina. Por isto, dentre vários estudos referenciados neste artigo, este é o que mais se aproxima do objeto de estudo, porque busca compreender a participação dos ternos de reis no universo de manifestação cultural da Chapada Diamantina pela “configuração formal dos ternos de reis, à medida que o conhecimento desta prática, em termos mais amplos e comparativos, estabelece uma relação de interseção entre o reisado e o universo rural” (LOPES, 2020, p. 80).

Para situar a pesquisa sob a visão da etnicidade, reporta-se a Poutignat e Streiff-Fenart (1998), visto que são referências fundamentais para a perspectiva deste estudo, tendo em vista que a etnicidade aborda o deslocamento de uma concepção rígida do grupo étnico para uma concepção flexível e dinâmica, para a qual as divisões étnicas devem estabelecer-se e reproduzir-se de modo permanente. Ressalta-se, portanto, o conceito relacional de etnicidade em que o indivíduo possui múltiplas identidades as quais são negociadas conforme os contextos das transações. Ademais, a etnicidade suscita-se outras formas de identidades, que se distinguem das outras características identitárias por serem mais globalizante, abrangentes,

¹² Disponível em: <<https://youtu.be/W1d79onAIhI>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

delas fazendo parte características étnicas, raciais, religiosas e culturais. Também, coaduna-se neste estudo inicial de pesquisa, o autor Jean Marc Ela¹³ (2013). Segundo este autor, faz-se necessário repensar a história das sociedades africanas assim como Moore (2003), que discorre sobre a história de colonização e de negros escravizados que tanto no Brasil quanto nos países caribenhos latino-americanos e África, trata-se da diáspora numa tentativa de descolonizar o pensamento sobre a história do tráfico, da escravidão e da colonização, o qual ficou preso ao axioma eurocêntrico e ao discurso hegemônico ocidental.

Segundo Santos (2018), os sertões da Bahia, figuram como palco de diversos silenciamentos, alicerçados na impunidade que sempre favoreceu as atitudes de pequenos segmentos abastados da população, a decréscimo do subjugo imposto a uma maioria, que por não possuir recursos, sobretudo de natureza econômica, permaneceu “cativa” ao contexto político e social. E, nesse contexto, admitir-se negro e descendente de quilombo, representava/representa uma condição de vulnerabilidade para atos de exclusão. Sendo concebida nesse estudo, como uma região de refúgio para escravizados amocambados e indígenas que fugiam do litoral bem como das perseguições colonizadoras, a fronteira sertaneja inaugurou um novo espaço no país, constituído por grupos focalizados como minoritários: quilombolas, indígenas e não negros empobrecidos, que por uma necessidade de sobrevivência e aceitação social tornaram-se invisíveis.

Segundo Santos (2018), os negros sertanejos organizaram-se forçosamente à margem da sociedade envolvente e suas diferenças étnico-culturais, permaneceram ancoradas em uma linha tênue, que em algumas ocasiões e na grande maioria delas, favorecia a invisibilização; quando sua condição étnica se tornava evidenciada, quase sempre lhes conduzia a uma marginalização maior que a habitualmente enfrentada pelos homens brancos. Conforme Santos (2018), perceber-se quilombola no sertão¹⁴ significa abandonar o território da exclusão social a qual esses sujeitos, durante boa parte de suas vivências estiveram expostos. É poder dignificar um passado histórico coletivo marcado por discriminações e negações de oportunidades. É sinônimo de valorização do ponto de vista individual e coletivo, reescrevendo histórias que a História oficial deixou apagada, já que durante muito tempo à temática das comunidades quilombolas foi tratada de maneira marginal.

¹³ O continente africano suscitou numerosas investigações científicas desde o final do século XIX. No entanto, poucos trabalhos de campo abordaram as transformações das sociedades africanas. É necessário um ensino das ciências sociais que assuma o peso do presente, com as tensões e os conflitos, as crises e as mudanças. Disponível em: <<https://www.almedina.net/restituir-a-hist-ria-s-sociedades-africanas-promover-as-ci-ncias-sociais-na-frica-negra-1564058033.html>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

¹⁴ No Dicionário Aurélio, a palavra sertão corresponde a região agreste, distante das povoações ou terras cultivadas e interior pouco povoado onde perduram tradições e costumes antigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na comunidade de Coqueiros, ao reelaborarem os festejos cristãos, a comunidade resiste às heranças africanas e ao catolicismo popular imprimindo novos significados às festividades que conforme Rocha (2016), são manifestações populares compreendidas como festas culturais formadas por signos e símbolos. Festas estas, possibilitam a inclusão de elementos culturais de seus ancestrais que ao narrarem suas lembranças evocam o passado como se quisessem transportá-lo para o presente, dando outros sentidos e significados às narrativas de seus pais e avós. Além disso, apresentam-se com fortes traços culturais que além do reisado¹⁵, possui apresentações do samba, cultos católicos e forte predominância da religiosidade afro-brasileira. Essa dinamicidade também foi observada em vários artigos nos quais os autores (SILVA e OLIVEIRA, 2014) relatam que, geralmente, ao cair da tarde, logo depois de realizarem todas as tarefas do dia, os habitantes se reúnem para praticarem as danças, brincadeiras e entoarem cantigas que lhes fazem lembrar as batalhas travadas e vencidas no percurso histórico do seu povo.

Ressalta-se que, houve e continua havendo transformações nas representações e práticas dos grupos negros que, mesmo apresentando influências católicas mais evidentes, manifestam a presença de elementos da cultura africana, a citar, temos as práticas das rezadeiras e curandeiras ainda existentes, além do uso de fitas para enfeitar os santos, procissões e outras celebrações que se coadunam a muitos rituais africanos com batuques e zabumbas nas/durante as festas (PEREIRA e LIMA, 2015). Assim, os festejos de Santos Reis, rememoram traços da cultura africana e do catolicismo popular de forma que se faz urgente revisitá-los para melhor compreendê-los e registrar de forma escrita essa tradição reconhecendo-a e discutindo-a nos meios acadêmicos. A festa de Santos Reis ocorre sempre no dia 6 de janeiro, sendo um exemplo de como os sujeitos se identificam e se doam ao rememorarem a tradição.

Nesse mesmo dia, é realizada pela manhã, uma missa proferida por um padre, ou seja, um representante da religião católica. Ao término da celebração cristã, inicia-se as comemorações profanas através das representações próprias da comunidade, como o samba de roda¹⁶ e a chula. Os festejos de Santos Reis são realizados com a participação maciça das pessoas mais idosas da comunidade. E, dialogando com Silva (2017), percebe-se que os

¹⁵a Festa em Homenagem aos Santos Reis - Coqueiro/BA. Disponível em: <<https://youtu.be/wkm11erkp5g>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

¹⁶Samba de roda na festa de Santo Reis em Coqueiro, Mirangaba BA. Disponível em: <<https://youtu.be/n293Nii2eEU>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

habitantes de Coqueiros reafirmam suas crenças e sua identidade a partir dessas representações, demonstrando para os mais novos o quanto a tradição e a cultura são importantes na construção do imaginário quilombola. Contudo, a pesquisa de Silva (2017), demonstra uma entrevista realizada com seu Jardelino Pedro dos Santos sobre a trajetória da festa de Santos Reis, na qual denota-se a existência da festa muito antes da certificação como comunidade quilombola. O depoente é um dos mais idosos da comunidade e afirma que *“quando nasceu, os festejos do 6 de janeiro já eram comemorados em Coqueiros, e salienta ainda que, não apenas a festa de Santos Reis como também outras manifestações culturais também já eram praticadas na comunidade além do Reisado¹⁷, havia o samba de roda¹⁸ e a chula”¹⁹*.

Conforme Silva (2017, p. 94), os cultos afro-brasileiros, conhecidos pelos moradores por *candomblé* ou *peji*, existem secularmente no território quilombola de Coqueiros e em seu entorno. As narrativas dos moradores mais velhos apontam a existência expressiva de antigos terreiros tanto em Coqueiros quanto nos territórios quilombolas circunvizinhos. *“Essas manifestações religiosas vêm resistindo há gerações através da existência material dos terreiros nos territórios e, principalmente, da prática de carurus à Cosme e Damião, conhecidos pelos populares como “cariru”, na maioria das vezes com manifestação de divindades.”* E, a cada apresentação durante a festa de Santo Reis, os quilombolas surpreendem os visitantes da cidade que não estão acostumados com estas vivências.

O caruru ainda agrupa crianças e adultos. Crianças em volta da toalha branca, repleta de comidas e enfeitada com flores de mesma cor. Nas performances culturais, cantam acompanhados de batuques, palmas e notas, que fluem do pandeiro, triângulo e instrumentos de corda que Schechner (2003), denomina de comportamento restaurado. Comportamento este, que se percebe nas práticas performativas e ações do presente, constituídas por rearranjos de modo a produzir efeitos. Ademais, estas performances culturais são processos de interação social de uma determinada sociedade, comunidade ou grupo cultural, especialmente, aquelas práticas performativas ligadas aos processos de sociedades e comunidades tradicionais que podem ser lidos à luz das experiências culturais a partir da antropologia e da etnografia. É importante ressaltar que a repressão e o menosprezo público dos cultos africanos no Brasil

¹⁷ Os cânticos de reis. Disponível em: <https://youtu.be/ZVfnnE_18BM>. Acesso em: 10 jun. 2022.

¹⁸ O samba de roda tem influências da cultura africana e portuguesa. No Brasil, nasceu das festas de terreiros realizadas no Recôncavo Baiano, durante os anos de 1860, e tinha como objetivo preservar o legado do povo negro escravizado. <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/samba-de-roda>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

¹⁹ O samba chula é uma vertente do samba de roda em que os cantores entoam uma poesia musicada (chula) e os participantes ficam parados esperando a finalização. Somente depois da declamação que as pessoas começam a dançar e a bater palmas. <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/samba-de-roda>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

desde o período colonial criaram e fortaleceram estereótipos e, concomitantemente, formas de resistência baseado no hibridismo religioso e cultural que começou entre os próprios africanos de diferentes etnias com a criação do candomblé na Bahia-Brasil do século XIX e a mistura de tradições africanas, católicas e indígenas no mesmo ritual, dando origem ao que se convencionou chamar umbanda. Conforme Silva (2017), essas manifestações culturais são praticadas há muito tempo na comunidade e acredita-se que estão presentes na comunidade desde a chegada dos primeiros moradores.

Nessa perspectiva, com base em Canclini (2006), entende-se que o sincretismo religioso ou hibridação, como prefere o autor, de práticas católicas e de cultos afro-brasileiros no Brasil contribuíram para aumentar a convivência de crenças e rituais, a ponto de se tornar frequente a dupla pertença religiosa. A oralidade dos moradores revela que processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Na verdade, existe certa reciprocidade entre adeptos do candomblé e católicos, ao contrário, da relação com os protestantes.

É importante destacar que, os simpatizantes dos cultos afro-brasileiros no território quilombola de Coqueiros, na maioria das vezes, não afirmam sua crença religiosa e permutam entre os cristãos, sobretudo, católicos. Diante das considerações apresentadas, percebe-se que o redescobrir-se quilombola, tornou-se uma tentativa de transformar esses atores sociais, em sujeitos políticos e de direitos constituídos, entretanto não os torna oportunistas como enfatizam alguns discursos dos que militam na contramão dessa categoria étnico-cultural.

Segundo Santos (2018), assumir a identidade quilombola não diz respeito à adesão de status quo, possui um valor maior, principalmente entre os rurais sertanejos, incidindo na reorganização do grupo em caráter positivo, diante da chamada sociedade inclusiva, visto que além de influenciar na autoestima, confere a esses agentes alguns direitos por meio dos quais passam a construir cidadanias, visibilizando humanidades até então negligenciadas. Também de forma mais precisa, faz-se necessário e urgente que se coloque na ordem da vez, pautas e discussões que priorizem as várias vozes, práticas e saberes que foram histórica e socialmente inviabilizadas pelos discursos oficiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste percurso inicial, exploratório e de levantamento bibliográfico da pesquisa, percebe-se que as Festas de Reis são provas da resistência de uma tradição que desafia obstáculos, no caso de Coqueiros, especificamente, como a falta de recursos, ano a ano e a comunidade celebram e homenageiam Santo Reis, fato este que, fortifica a tradição da cultura

popular, que (sobre)vive ao longo dos tempos e se mantém viva graças a perseverança dos fiéis reiseiros quer seja no agora das canções, quer seja ao demonstrarem toda a sua originalidade ao criarem uma linguagem própria, uma “poética da voz”.

Os versos, são verdadeiras poesias populares que se transformam em música, e música em canção, em comunhão com os amigos, parentes, vizinhos e até desconhecidos quer seja através dos versos, cânticos e poesia, em que a palavra falada, improvisada, cantada, perpassa o tempo, as vidas, o instante da performance e adentra a eternidade da arte, da poesia em forma de canção.

Por fim, almeja-se, colaborar com estudos e pesquisas sobre os reisados, performance e a poética da voz na certeza de que o novo suscita sempre polêmicas, sérias, e necessárias controvérsias, mas que podem propiciar sempre novos estudos e novos itinerários de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B. de. Os quilombos e as novas etnias. In: O'DWYER, E. C. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. São Paulo: ABA/FGV, 2002.
- A RODA NO TERREIRO, O SAMBA DE RODA E O REISADO QUE É ENCENADO JUNTO COM OS QUILOMBOLAS DE PALMEIRA E COQUEIRINHO. Disponível em: <<https://youtu.be/W1d79onAIhI>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Itálica, 1984.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- CONHECENDO A COMUNIDADE DE COQUEIROS. Disponível em: <<http://metamorfoseambulante.weebly.com/-proseando/6-de-janeiro-viva-aos-santos-reis>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- CRUZ, Jakeline Silva da. **A trajetória da comunidade quilombola de Coqueiros: história e memória**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Jacobina, dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/677/1/TCC%20Jakeline.pdf>>. Acesso em 27 mai. de 2019.
- ELA, Jean-Marc. **Restituir a história às sociedades africanas: promover as ciências sociais na África Negra**. Mangualde: Pedagogo; Luanda: Mulemba, 2013.
- FESTA DE SANTO REIS DE COQUEIROS - MIRANGABA BAHIA. Disponível em: <[http://metamorfoseambulante.weebly.com/-proseando/6-de-janeiro-viva-aos-santos-reis.6 de janeiro - Viva aos Santos Reis!](http://metamorfoseambulante.weebly.com/-proseando/6-de-janeiro-viva-aos-santos-reis.6-de-janeiro-Viva-aos-Santos-Reis!)>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- LOPES, Adão Fernandes. **"Ô de casa, ô de fora, Maria vai ver quem é": A tradição do terno de reis de figuras e espadas numa cidade do sertão baiano**. 1. ed. Chapecó: Livrológica, 2020.
- MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Comunidades Quilombolas do Brasil: desafios e perspectivas. In: **Revista Cordis**. Revoluções, Cultura e Política na América Latina, São Paulo, nº11, p. 253 – 279, jul./dez. 2013. p. 264.
- MORAIS FILHO, Melo. “A véspera de Reis (Bahia)” in **Festas e tradições populares do Brasil**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 3a. edição, 1946.
- MOORE, Carlos. **A África que incomoda sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.



- NASCIMENTO, Ildimar França. **E Viva São Reis: um estudo sobre manifestações culturais em Piatã/Abaíra, Chapada Diamantina, Bahia.** Salvador, 2009.
- PEREIRA C. S.; LIMA, F. E. S. A espacialização da cultura e as territorialidades quilombolas no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Angepe)**.; v. 11, n. 16, p. 223-39, 2015.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs). **Teorias da etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: UNESP, 1998.
- ROCHA, Marcelo Nunes e MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Trajectoria e identidade cultural na comunidade negra rural de Lajedo – Mirangaba – BA.** Cadernos do Tempo Presente, n. 16, maio/julho 2014, p. 50-63. Disponível em: www.google.com/search?q=quilombo+de+lagedo+saude+bahia+artigo&ei=t5PsXIbGOW85OUP1qCR4AQ&start=0&sa=N&ved=0ahUKEwjP0uSHjr3iAhVIHrkGHRZQBew4ChDy0wMIWA&biw=1536&bih=722>. Acesso em 27 mai. 2022.
- SANTOS, Paula Odilon dos. “Estuciando” o barulho do quilombo e o processo de construção Identitária nas comunidades quilombolas de Cariacá e Lajedo. Disponível em: www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528247418_ARQUIVO_Comunicacaooral-ODEERE.pdf>. Acesso em 27 mai. 2022.
- SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas. **“Trato da perpétua tormenta”: a conversão nos sertões de dentro e os escritos de Luigi Vincenzo Mamiani della Rovere sobre os Kiriri (1666-1699).** Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo, RS, 2017, p.194.
- SAMBA DE RODA NA FESTA DE SANTO REIS EM COQUEIRO, MIRANGABA BA. <https://youtu.be/n293Nii2eEU>>. Acesso em: 10 de jun. 2022.
- SCHECHNER, Richard. **Antropologia e Performance de Richard Schechner.** Ligiéro, Zeca (org.). São Paulo: Hucitec, 2012.
- SILVA, Jesiâne Lopes da. **Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Coqueiro e seus processos educativos na construção da identidade territorial quilombola (Mirangaba-Bahia).** Jacobina-BA,180 f. Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação Strictu Senso/Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de Ciências Humanas – Campus IV). Universidade do Estado da Bahia, 2017.